

# DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA SEGUNDO OS PARTICIPANTES DA 6ª PARADA DO ORGULHO LGBT DE SOROCABA-SP: subsídios para (re) pensar as práticas educativas

HOMOPHOBIC DISCRIMINATION AND VIOLENCE ACCORDING TO PARTICIPANTS OF THE 6TH LGBT PRIDE PARADE IN SOROCABA-SP: support for (re) think the educational practices

DISCRIMINACIÓN Y VIOLENCIA HOMOFÓBICA SEGÚN LOS PARTICIPANTES DE LA SEXTA EDICIÓN DEL ORGULLO LGBT DE SOROCABA-SP: soporte para (re) pensar las prácticas educativas

Marcos Roberto Vieira Garcia

Professor Doutor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Sorocaba.  
[mgarcia@ufscar.br](mailto:mgarcia@ufscar.br)

Viviane Melo de Mendonça

Professora Doutora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Sorocaba.  
[viviane@ufscar.br](mailto:viviane@ufscar.br)

Kelen Christina Leite

Professora Doutora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Sorocaba.  
[kelen@ufscar.br](mailto:kelen@ufscar.br)

**RESUMO:** Este artigo analisa o perfil dos participantes da 6ª Parada do Orgulho LGBT de Sorocaba, interior de São Paulo, e discute as relações entre educação e homofobia, visando apontar algumas possibilidades para o trabalho de combate à violência homofóbica no cotidiano escolar. Apresentamos apontamentos teóricos que tratam da homofobia e educação, fazendo um breve histórico das paradas LGBT e seu papel na luta contra a homofobia na sociedade. Em seguida, descrevemos a metodologia de pesquisa e seus resultados. As conclusões mostram a necessidade de ações efetivas no cotidiano escolar para construção de uma consciência crítica e desenvolvimento de práticas de respeito à diversidade sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Homofobia. Paradas do Orgulho LGBT.

**ABSTRACT:** This article discusses some of the relationships between education and homophobia, based in a survey carried out with the participants of the 6th LGBT Pride Parade in Sorocaba, Brazil, in order to contribute with interventions to eradicate homophobic violence in everyday school life. Theoretical approaches that address homophobia and education, the history of LGBT parades and their role in the fight against homophobia in the Brazilian society are presented. The survey methodology is described and the results are discussed. The conclusions show the need for effective actions in everyday school life in order to build critical awareness and practices that respect sexual diversity.

**KEYWORDS:** Education. Homophobia. LGBT Pride Parade.

**RESUMEN:** En este artículo se analiza el perfil de los participantes de la 6ª Edición del Orgullo LGBT en la ciudad de Sorocaba, en el interior de San Paulo, y se discute las relaciones entre la educación y la homofobia, visando apuntar algunas posibilidades para el trabajo de combatir la violencia homofóbica en la vida escolar cotidiana. Presentamos enfoques teóricos que abordan la homofobia en los espacios escolares. Presentamos apuntamientos teóricos que tratan de la homofobia y la educación, haciendo una breve historia de los desfiles LGBT y su papel en la lucha contra la homofobia en la sociedad. A continuación describimos la metodología de investigación y sus resultados. Las conclusiones muestran la necesidad de acciones efectivas en el cotidiano escolar para la construcción de una conciencia crítica y para el desarrollo de prácticas de respeto a la diversidad sexual.

**PALABRAS CLAVE:** Educación. Homofobia. Marcha del Orgullo LGBT.

## **1 | INTRODUÇÃO**

O cotidiano escolar pode ser entendido como um espaço de transição e de conflito, onde frequentemente se tem produzido discursos e práticas que aprofundam desigualdades e hierarquias que, por consequência, tem excluído e marginalizado desejos, gêneros e sexualidades que não correspondem à heteronormatividade. Esta exclusão e marginalização, resultados da negação das diferenças na escola, são o fundamento das práticas homofóbicas que tem ocorrido, recorrentemente, no cotidiano escolar.

Com base nos estudos de gênero, diversidade sexual e educação, em uma perspectiva do chamado campo pós-estruturalista, bem como nos resultados das pesquisas sobre os perfis de participantes das Paradas LGBT que aconteceram no Brasil na última década e que produzem um conhecimento relevante sobre a população LGBT brasileira, uma questão surge: como este conhecimento produzido pode contribuir para a promoção do respeito às diferenças, diversidades e direitos humanos na escola e, portanto, para o enfrentamento da violência homofóbica presente no cotidiano escolar?

A questão da educação e do cotidiano escolar são aqui abordadas como temas relevantes uma vez que - dentre os vários dados obtidos pelas Pesquisas das Paradas LGBT - aqueles resultados que indicam preconceito e a homofobia sofridos na escola e em grupos próximos, como família, amigos e grupos religiosos, apontam o quanto esses ambientes atingem as pessoas LGBT e, portanto, deveriam também, se tornar espaços privilegiados de combate a homofobia e promoção da diversidade.

A superação da violência homofóbica no cotidiano escolar, portanto, é um desafio para a sociedade brasileira, haja vista que uma educação heteronormativa ainda impera, produzindo comportamentos homofóbicos. Apesar da constatação desta realidade, assistimos, recentemente, a retirada das questões de gênero e sexualidade, por pressão da bancada religiosa presente no Congresso Nacional, do Plano Nacional de Educação (2014-2024), movimento este que se repetiu na maior parte das cidades brasileiras quando da aprovação dos respectivos Planos Municipais de Educação dificultando, com isso, o tratamento dessas questões na escola.

Com a premissa de que as Paradas do Orgulho LGBT se constituem em um importante campo para o conhecimento da realidade LGBT, foi realizada a presente pesquisa com o objetivo de analisar o perfil de participantes da 6ª Parada do Orgulho LGBT de Sorocaba e, em seguida, partindo dos seus resultados, foi discutida a relação entre homofobia, discriminação e educação, apontando para possíveis ações na escola, que poderiam promover o respeito às diferenças e às diversidades sexuais bem como da superação da violência homofóbica.

## **2 | HOMOFOBIA, EDUCAÇÃO E PARADAS DO ORGULHO LGBT**

Segundo o relatório da pesquisa “Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas”, do Ministério da Educação, juntamente com a UNESCO, há um crescente interesse pelo enfrentamento mais efetivo da violência contra LGBT nas escolas. Este interesse é fruto de um aumento da percepção da homofobia como um problema social e de que a escola é um espaço institucional fundamental para a superação desta violência, contribuindo para desenvolver o respeito à diversidade e aos direitos humanos (JUNQUEIRA, 2009).

A discriminação das diversas orientações sexuais e transexualidades está presente no cotidiano escolar, o que resulta em práticas homofóbicas que buscam manter os modelos hegemônicos de sexualidades que se traduzem em heteronormatividade, ou seja, em uma norma social e política - e

muitas vezes jurídica, religiosa e médica - que designa que a heterossexualidade é a única orientação sexual que deve existir como padrão de normalidade.

A homofobia é aqui entendida como rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays, lésbicas, travestis e transexuais, uma manifestação que desqualifica o outro, considerando-o inferior ou anormal, fora do universo dos humanos; e também, como um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, desconfiança, desconforto ou medo) constituindo um fenômeno social relacionado a preconceitos, discriminação e violência contra estes grupos (BORRILLO, 2010; JUNQUEIRA, 2009).

A pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (VENTURI E BOKANY, 2011) conclui que o índice de repulsa a homossexuais apenas é menor do que aqueles contra ateus e usuários de drogas. Este índice não é diferente no contexto escolar. Contribuindo para este contexto, se evidencia que a formação docente é debilitada no que se refere aos estudos de gênero e sexualidade, dificultando uma maior problematização das discussões acerca da diversidade sexual e, ainda mais, à proposição de práticas de prevenção e superação da violência homofóbica na escola. Por conseguinte, as/os profissionais da educação tendem a tratar a sexualidade no cotidiano escolar de modo a legitimar a heteronormatividade, a estigmatização e a marginalização das sexualidades dissonantes do modelo hegemônico.

A homofobia – assim como outros fenômenos discriminatórios - é cotidianamente ensinada na escola, produzindo efeitos em todas/os. Os currículos, tanto o formal quanto o oculto, estão repletos de manifestações de valores, crenças e preconceitos que reproduzem a “alienação, desapossamento e hierarquias opressivas” (JUNQUEIRA, 2010, p. 211), o que requer que as/os educadoras/es se interroguem criticamente sobre os fatores, discursos e práticas que superem e transformem estas realidades.

Constata-se, portanto, na escola, uma indisposição para um diálogo mais profundo quando a questão dos direitos humanos é pensada a partir do “reconhecimento da diversidade sexual e do enfrentamento dos preconceitos e das discriminações por orientação sexual e identidade de gênero” (JUNQUEIRA, 2009, p. 173).

Partindo desse mesmo pressuposto, Altmann (2013) afirma que a sexualidade, como um tema na área de educação, frequentemente resiste às temáticas da diversidade sexual e homofobia, sendo privilegiados outros focos, como o onanismo, as doenças sexualmente transmissíveis, a AIDS e a gravidez na adolescência. Como consequência, a inclusão de um tema transversal intitulado orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) concretizou o apoio ao desenvolvimento de projetos de intervenção escolar acerca das temáticas sobre sexualidade. Observa-se, por outro lado, que a diversidade sexual e homofobia não estão explicitamente contempladas neste documento, facultando a/ao educadora/or a decisão sobre a inclusão ou não destes temas em suas práticas (ALTMANN, 2013; DINIS, 2008, 2011; GARCIA, 2009).

Atualmente, os movimentos sociais LGBT e a produção de conhecimento nos campos de estudos de gênero e sexualidade aumentaram a visibilidade da diversidade sexual e de suas questões mais específicas, o que coloca a diversidade sexual e a homofobia na agenda de demandas para debates e ações na escola bem como para a formação docente, visto que, como ressalta Junqueira (2007), o campo da educação (e da escola) é colocado como um dos mais estratégicos para o combate à violência homofóbica.

É neste contexto que se evidencia a necessidade de se analisar as Paradas LGBT no âmbito dos movimentos sociais e como o conhecimento produzido a partir delas pode contribuir para desenvolvimento do respeito à diversidade e aos direitos humanos. Portanto, analisar um perfil de participantes de Paradas LGBT e, em especial, evidenciar os dados que tratam de modo específico sobre homofobia, tornam-se questões/temas importantes para traçar políticas de combate a esta violência tanto na escola como na sociedade.

Refletir sobre o movimento LGBT, suas origens, seu desenvolvimento, seus desdobramentos, suas atividades, sua visibilidade, hoje, nos reporta, inevitavelmente, para os acontecimentos de fim dos anos de 1960, em Nova Iorque, mais especificamente nos conduz a junho de 1969 quando se inicia uma série de eventos explosivos conhecidos como a revolta de *Stonewall*. O *Stonewall Inn* era/é um bar localizado no *Greenwich Village* em Nova Iorque e constituía-se, no final dos anos de 1960, em um dos únicos espaços de maior liberdade para a sociabilidade e as manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Em uma noite de junho de 1969, porém, o bar foi tomado pela repressão e violência policial. Em resposta a esta repressão, um grupo de frequentadoras/es decidiu reagir. A violência desencadeada naquela noite prosseguiu por alguns dias. Desse modo, o dia 28/06 tornou-se um marco na história do movimento LGBT. Hoje o Movimento LGBT realiza as Paradas, preferencialmente, nesta data.

No Brasil movimentos organizados datam da década de 1970, ainda sob a ditadura militar. Em 1978 foi criado o grupo SOMOS, primeiro grupo em defesa dos direitos LGBT do Brasil. Já a primeira Parada do Orgulho LGBT no Brasil ocorreu em 1995, na cidade do Rio de Janeiro. Com o tempo, as Paradas foram se multiplicando fazendo com que, hoje, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, por exemplo, figure entre as maiores do mundo, em termos de público.

As Paradas têm sido um dos pontos emblemáticos de visibilização das demandas do movimento LGBT brasileiro e representam a luta contra a discriminação, pelo pleno reconhecimento dos direitos e cidadania e também pelo direito à livre orientação sexual e à identidade de gênero da população LGBT. As Paradas do Orgulho LGBT podem ser entendidas como fenômenos psicopolíticos que pretendem a “superação de práticas assimilacionistas heteronormativas próprias de sociedades conservadoras, que andam na contramão do multiculturalismo e do respeito à diversidade” (SILVA, 2012, p. 129).

Como ressalta Jesus (2013, p. 68):

As Paradas do orgulho LGBT são o exemplo de que a ocupação de territórios, por vezes barulhenta, ruidosa, ultrapassa a barreira da mera visibilidade, pode representar mais do que a conquista de direitos fundamentais para uma minoria ativa, mas também a transformação dos horizontes ideológicos de toda a sociedade.

As Paradas permitem, portanto, um campo de pesquisa ímpar para o conhecimento da realidade da população LGBT brasileira, como as que têm sido realizadas por Carrara, Ramos e Caetano (2003), Carrara et al. (2006), Jesus (2013), Carrara e Ramos (2005), Silva (2006), Ortolano e Mendonça (2010), Carrara et al. (2007), dentre outros.

Em 2011, ano da coleta dos dados deste artigo, com base nos dados da ABGLT, o número de Paradas LGBT, no Brasil, subiu de 195 em 2008 para 387, um aumento aproximado de 50% (JESUS, 2013).

Nesse mesmo ano, a Parada de Sorocaba teve como tema: “Dignidade, Respeito, Orgulho, Amor, Justiça e Liberdade” com foco na criminalização da homofobia. Estava presente, portanto, na Parada, o debate sobre o Projeto de Lei 122, de autoria da Deputada Federal sorocabana Iara Bernardi, que visava criminalizar a discriminação, motivada unicamente pela orientação sexual ou pela identidade de gênero da pessoa. Com base nos resultados da pesquisa sobre o perfil dos participantes desta Parada a presente pesquisa analisou a relação entre homofobia, discriminação e educação, apontando para algumas possibilidades de ações que promovam, na escola, o respeito às diferenças e às diversidades sexuais e a superação da violência homofóbica.

### **3 | METODOLOGIA**

Há alguns anos, pesquisas são realizadas nas Paradas do Orgulho LGBT, a partir de um instrumento de coleta de dados em forma de questionário, que vem sendo replicado em outras Paradas, permitindo estabelecer relações e correlações. Tal instrumento, primeiramente utilizado para uma pesquisa em formato *survey* na Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro de 2003, foi organizado pelo Prof. Sérgio Carrara (CLAM/IMS/UERJ), em trabalho coletivo que envolveu pesquisadores e militantes do movimento LGBT. Com pequenas alterações, este questionário foi replicado na mesma Parada do ano seguinte, nas Paradas de São Paulo de 2005 e 2006, e em Paradas de outras capitais.

Para a pesquisa realizada em Sorocaba foi utilizado o mesmo instrumento com pequenas adaptações, ou seja, um questionário com 39 questões, subdividido em cinco eixos temáticos. Foi pedida autorização para utilização do questionário aos idealizadores da primeira versão, solicitação atendida pelo professor Sérgio Carrara.

Participaram do processo desta pesquisa três docentes do Departamento de Ciências Humanas e Educação, da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, e 23 alunas/os dos cursos de: Pedagogia, Geografia, Ciências Biológicas e Turismo.

As/os pesquisadoras/es, docentes e alunas/os, participaram da adaptação do questionário e fizeram um treinamento para a realização das entrevistas. Antes da aplicação do questionário na Parada houve também, a realização de um pré-teste.

Foram respondidos 360 questionários válidos, ou seja, se tomarmos por base o cálculo da polícia militar de 2.500 pessoas na Parada foram, portanto, entrevistadas 14,4 % do total de participantes. Os resultados foram tabulados por meio do Programa Epi-Info e analisados pelas/os autoras/or do presente artigo.

Os resultados, aqui apresentados, foram comparados com os dados obtidos nas pesquisas realizadas nas Paradas do Rio de Janeiro, realizada em 2003 (CARRARA; RAMOS; CAETANO, 2003) e em 2004 (CARRARA; RAMOS, 2005) e com os dados das Paradas realizadas em São Paulo, em 2005 (CARRARA et al., 2006) e 2006 (FACCHINI; FRANÇA; VENTURI, 2007).

O questionário foi aplicado durante todo o percurso da Parada, desde o local da concentração, na Praça Frei Baraúna, onde teve início, até a dispersão no Parque Campolim. Para a composição da amostra, as/os pesquisadoras/es e entrevistadoras/es foram orientadas/os, assim como nas pesquisas realizadas em outras Paradas: a buscar diversificar o máximo possível as pessoas entrevistadas; a permanecerem dispostas/os em diferentes locais ao longo da concentração, na Praça Frei Baraúna, procurando, deste modo, abordar grupos variados, o mesmo fazendo na dispersão. No caso específico da Parada de Sorocaba, optamos por entrevistar apenas pessoas com 18 anos ou mais, devido a parâmetros de ética em pesquisa.

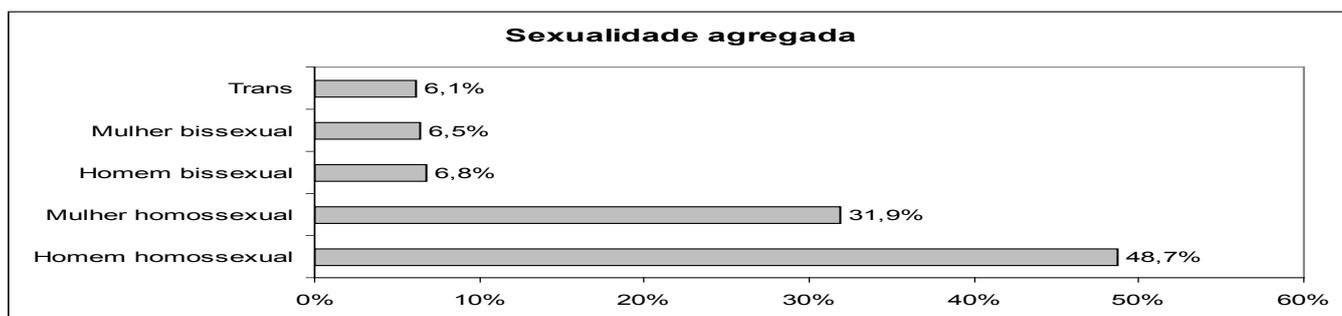
### **4 | ANÁLISE DO PERFIL DAS/OS PARTICIPANTES DA PARADA LGBT DE SOROCABA**

#### **4.1 Perfil geral das/os entrevistadas/os**

Dos 360 respondentes da pesquisa 279 se identificaram como gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, entendidas(os) ou homossexuais e os gráficos a seguir se referem a essas/es 279 respondentes. Cruzando-se essas respostas com a do sexo de registro referido ao nascer, foram formadas categorias agregadas, seguindo-se a padronização feita em pesquisas similares realizadas em outras Paradas, de forma a se possibilitar a comparação dos resultados. Assim, a auto-identificação como travesti ou transexual foi agregada na categoria “trans”, a de homens que

que se identificaram como homossexuais, gays ou entendidos, na categoria “homem homossexual”, a de mulheres se identificaram como lésbicas, entendidas ou homossexuais na categoria “mulher homossexual”, além das categorias “homem bissexual” e “mulher bissexual”. Os seguintes resultados foram obtidos:

Gráfico 1 - Sexualidade agregada



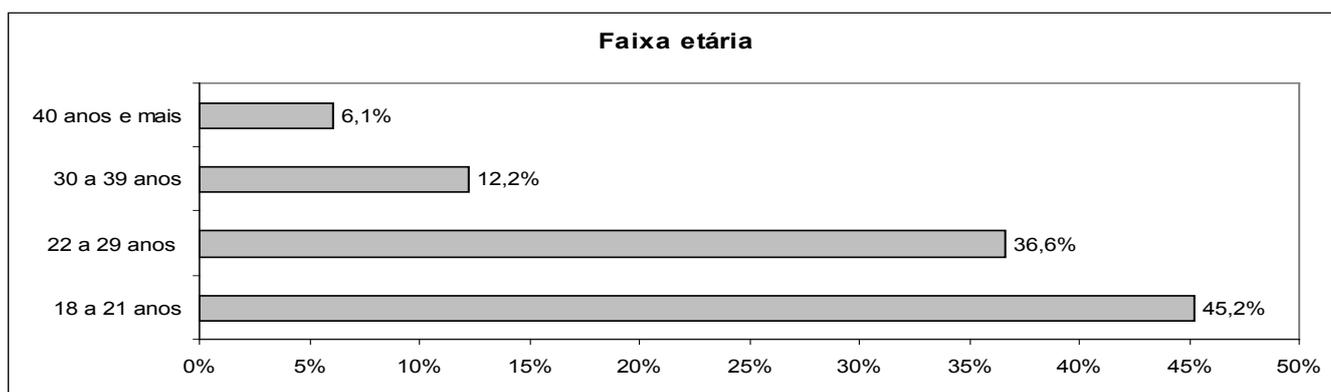
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

Na Parada de Sorocaba há percentualmente um número maior de mulheres homossexuais entre as/os entrevistadas/os, (31,9%), se compararmos com as pesquisas realizadas nas Paradas do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 2003 e 2006, onde a porcentagem de mulheres homossexuais entre o total das/os que se identificaram como não heterossexuais variou de 23,9% a 27,7%. Não é possível sabermos se tal diferença é específica de um contexto local ou se se refere a um processo de maior participação de mulheres homossexuais nas Paradas LGBT em anos mais recentes. A presença de um maior contingente, contudo, sugere uma maior visibilidade do segmento de lésbicas, reivindicação que tem sido comum dentro do movimento LGBT e que tem levado a ações específicas deste segmento em alguns locais, como no caso da Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo, que usualmente acontece um dia antes da Parada LGBT local.

Chamam a atenção, também, nesse sentido, os dados relativos à maior auto-identificação de mulheres como lésbicas na Parada de Sorocaba em relação às que se identificam como homossexuais, gays ou entendidas, na comparação com outras Paradas, merecendo aprofundamento posterior em novas pesquisas. Em Sorocaba 80% das mulheres homossexuais se identificaram como lésbicas, contra 68% na Parada do Rio de Janeiro de 2004 e 67% na de São Paulo de 2005.

Em relação à faixa etária obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 2 - Faixa etária



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

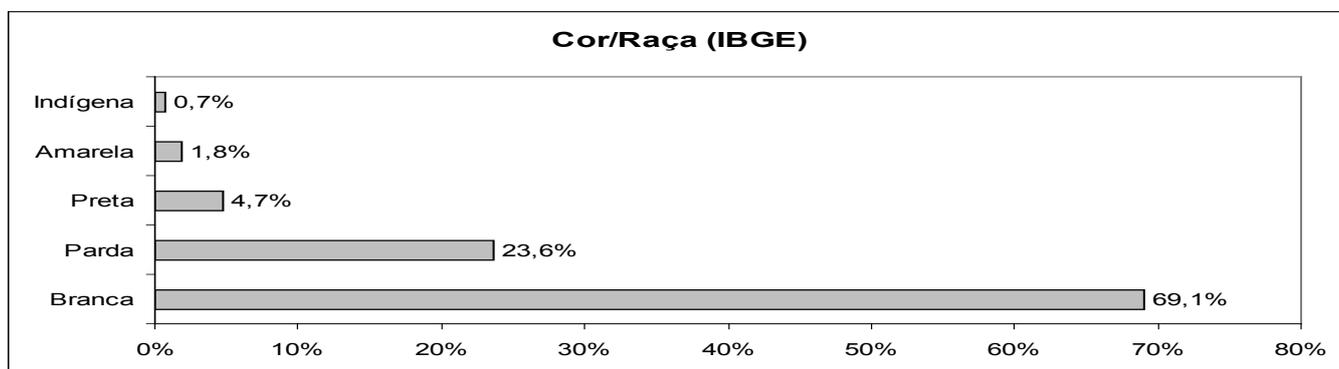
Estes dados evidenciam uma proporção muito maior de entrevistadas/os jovens na Parada de Sorocaba do que nas Paradas realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo já citadas. Enquanto em Sorocaba 45% das/os entrevistadas/os tinha até 21 anos, essa porcentagem variou entre 25% e 32% entre as/os entrevistadas/os nestes outros municípios. Na outra ponta, enquanto 18% apenas das/os entrevistadas/os na Parada de Sorocaba tinha mais de 30 anos, nas demais pesquisas citadas esse índice oscilou entre 32% e 41%.

Ainda que haja alguns poucos anos de diferença entre a Parada de Sorocaba e as Paradas de Rio de Janeiro e São Paulo pesquisadas, a acentuada participação de jovens na Parada de Sorocaba pode indicar que as/os jovens parecem ter maior facilidade de expor publicamente sua sexualidade do que as pessoas mais velhas em Sorocaba. Isso, por sua vez, pode estar relacionado ao fato de que o anonimato, em relação ao comparecimento à Parada, é mais difícil de ser garantido em uma cidade de menor porte em relação às Paradas de metrópoles, como são os casos de Rio de Janeiro e São Paulo. Em cidades de menor porte, a frequência à Parada estaria, portanto, mais associada ao *acting out*.

Se não há dados mais recentes de pesquisas sobre Paradas LGBT para que se possa confirmar a hipótese de uma maior participação de mulheres e jovens nas Paradas em um contexto nacional, percebe-se, contudo, nos últimos anos, uma maior visibilidade LGBT nos meios de comunicação, nos espaços públicos, conquistas de direitos – como o de reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, por analogia a união estável, conforme declarado pelo Supremo Tribunal Federal; reconhecimento dos parceiros em várias normativas públicas sobre previdência, planos de saúde, nome social, dentre outras - conquistas essas que podem favorecer um maior *acting out*. Por outro lado, isto não tem significado uma diminuição da violência homofóbica conforme relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (2014) que aponta uma morte de pessoa LGBT a cada 28 horas, em média, no Brasil, fazendo com que o país seja o campeão mundial de crimes homo/transfóbicos. Outros dados que corroboram as questões acima levantadas, sobre diversidade e homofobia no Brasil, estão presentes em pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e Rosa Luxemburgo em publicação organizada por Venturi e Bokany (2011).

Em relação à cor/raça das/os entrevistadas/os, de acordo com as categorias do IBGE, os seguintes dados foram obtidos:

Gráfico 3 - Cor/Raça

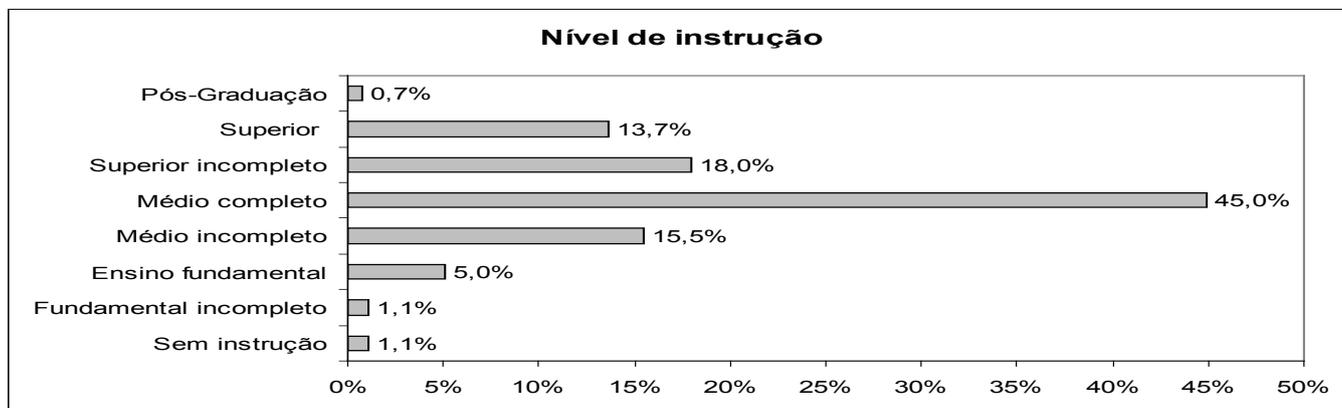


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

A distribuição encontrada é bem próxima à da cidade de Sorocaba, local de residência da maior parte das/os entrevistadas/os. Segundo dados do IBGE, em 2010, a cidade tinha 74% de pessoas brancas, 21% pardas e 4% pretas. Os dados são compatíveis com os resultados das pesquisas nas Paradas de São Paulo e Rio de Janeiro, onde se observou a tendência de corres-

pondência entre a distribuição por cor da população em geral e a que frequenta a Parada. Em relação ao nível de instrução, os seguintes resultados foram obtidos:

Gráfico 4 - Nível de instrução

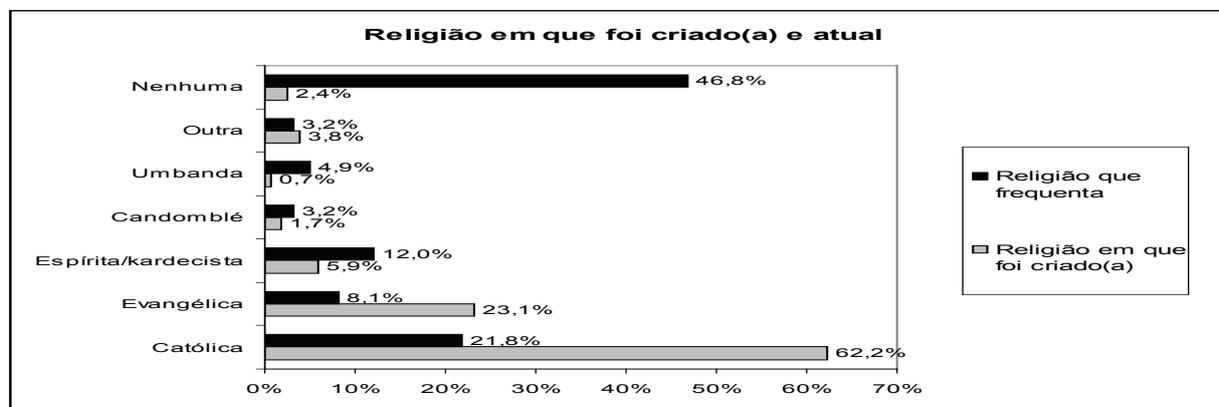


Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

Esses resultados mostram uma população com maior escolaridade do que a escolaridade média da região de Sorocaba. O contingente de concluintes do ensino médio, por exemplo, é superior a 77 % entre as/os entrevistadas/os, contra 44 % na população de Sorocaba acima dos 10 anos de idade<sup>1</sup>. Se considerarmos apenas as pessoas com mais de 20 anos de idade, segundo o censo de 2010, a proporção de concluintes do ensino médio é um pouco superior a 50% em Sorocaba, uma porcentagem ainda bastante inferior à obtida entre as/os entrevistadas/os na Parada local. Por outro lado, essa discrepância não é tão acentuada como as observadas nas pesquisas realizadas nas Paradas do Rio de Janeiro e São Paulo, onde o número de pessoas que já haviam ingressado em curso superior oscilou entre 42% e 52% (contra 32% em Sorocaba). Esta última diferença, contudo, pode ser atribuída, ao menos parcialmente, à menor idade média das/os entrevistadas/os de Sorocaba.

No que diz respeito à religião, os seguintes dados foram obtidos para as/os frequentadoras/es LGBT da Parada. Em relação à religião em que foram criados e aquela em que frequentam atualmente:

Gráfico 5 - Religião em que foi criado(a) e atual



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

<sup>1</sup> Ainda que uma parcela dessas pessoas não tenha idade suficiente para terminar o ensino médio, a diferença é significativa.

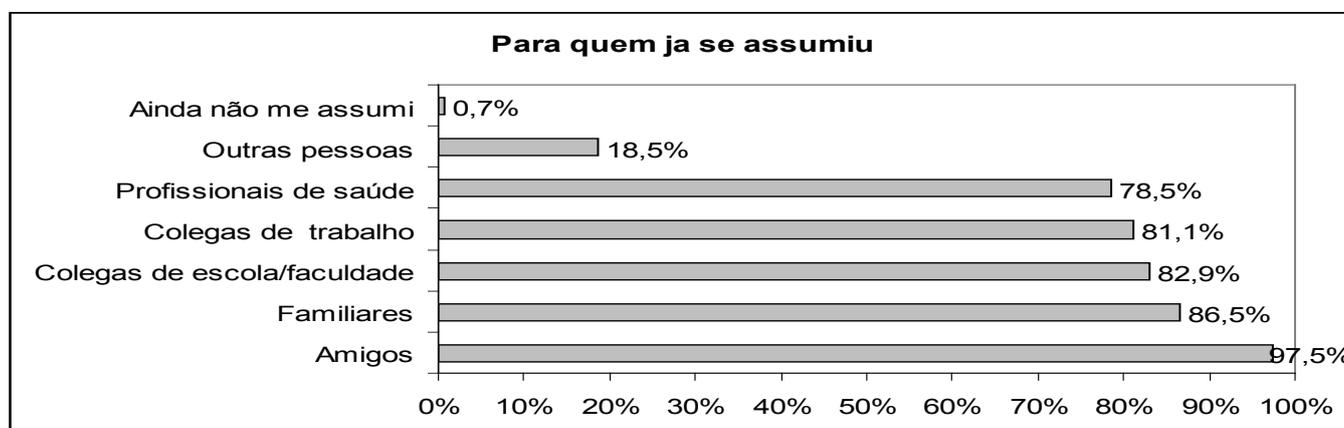
Se levarmos em consideração a religião de origem, observamos que há semelhança das/dos frequentadoras/es com a população total de Sorocaba, em relação às religiões católica ou evangélica (85% das/os entrevistadas/os, contra 84% da população de Sorocaba, conforme dados do censo de 2010 do IBGE). Observa-se, porém, maior porcentagem de pessoas criadas em famílias de religião espírita/kardecista (6% dos frequentadoras/es, contra 3% da população de Sorocaba) e de religiões de matriz africana (2% das/dos frequentadoras/es, contra 0,25% da população). Na comparação com as/os frequentadoras/es das Paradas do Rio de Janeiro e São Paulo, chama a atenção a diferença entre a porcentagem maior dos que referem ter sido criados em famílias evangélicas (23% em Sorocaba, contra 12% a 14% entre as/os frequentadoras/es das Paradas citadas).

Ao considerarmos a religião atual que frequentam, todavia, observamos uma forte queda entre as/os seguidores de religiões cristãs, da ordem de dois terços do total tanto para católicas/os quanto para evangélicas/os. Tal diminuição pode referir-se à condenação das homossexualidades por parte das religiões cristãs, que fazem com que haja um afastamento das/os entrevistadas/os de sua religião de origem. Há, por outro lado, um fortíssimo aumento da porcentagem de pessoas que declaram não frequentar nenhuma religião (47% das/os entrevistadas/os). Tal fenômeno foi observado também entre as/os frequentadoras/es das Paradas do Rio de Janeiro e São Paulo, onde essa porcentagem variou entre 38% e 43%, nas Paradas de 2004 a 2006. O aumento bastante significativo observado na Parada de Sorocaba de espíritas/kardecistas (12% das/os frequentadoras/es) e de seguidoras/es de religiões de matriz africana (8% delas/es) também foi observado entre frequentadoras/es das outras Paradas citadas (no caso de espíritas/kardecistas, variando numa faixa entre 13% a 17% e nos que seguem religiões de matriz africana entre 6% a 10%, nas Paradas de 2004 a 2006). Tais números, muito acima da média nacional, mostram claramente uma migração de um contingente de pessoas LGBT, para religiões onde há maior aceitação da homossexualidade.

#### 4.2 “Saíndo do armário”

Os dados relativos às pessoas para quem as/os frequentadoras/es LGBT da Parada de Sorocaba já assumiram sua sexualidade são os seguintes:

Gráfico 6 - Para quem já se assumiu



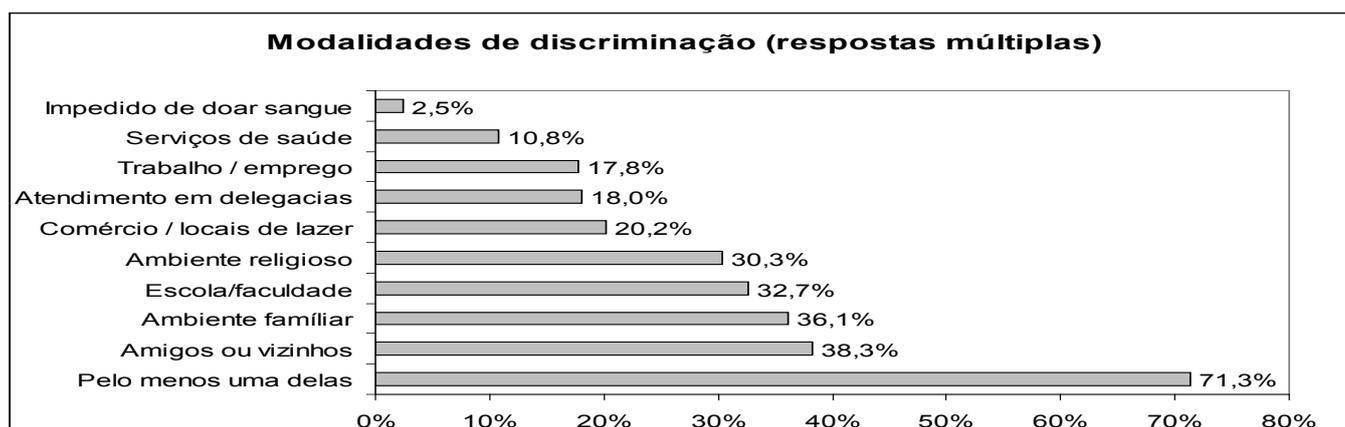
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6ª Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

Na comparação com os dados obtidos nas paradas de São Paulo de 2005 e 2006<sup>2</sup> podemos observar que as/os participantes da Parada de Sorocaba são mais “assumidas/os” em todas as categorias. Nessas Paradas, a porcentagem das/os que relatam ter assumido para colegas de trabalho, colegas de escola/faculdade ou familiares, por exemplo, oscila entre 70% e 78%, porcentagem inferior as/aos frequentadoras/es LGBT da Parada de Sorocaba. Embora estejamos comparando dados de Paradas que ocorreram em anos anteriores ao da Parada local - e isso pode significar que o “*acting out*” venha se tornando mais comum, em anos mais recentes - é possível considerarmos a presença de certo receio entre pessoas LGBT menos “assumidas” da cidade de Sorocaba e cidades próximas de serem vistas/os na Parada, o que “denunciaria” sua orientação sexual. Em cidades de grande porte, com Paradas alcançando a cifra de centenas de milhares de pessoas, tal preocupação diminui.

### 4.3 Discriminação sofrida

Os seguintes resultados foram referidos em relação aos relatos de discriminação sofrida:

Gráfico 7 - Modalidades de discriminação sofrida por conta da orientação sexual



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

O resultado referente a ter sofrido alguma forma de discriminação é superior (71%) ao obtido nas pesquisas semelhantes realizadas no Rio de Janeiro (56% em 2003 e 65% em 2004) e próximos aos obtidos nas pesquisas realizadas em São Paulo (72% em 2005 e 67% em 2006).

Para Carrara e Ramos (2005), os espaços sociais onde há mais discriminação são justamente aqueles onde as homossexualidades são mais assumidas (escola/faculdade, família, amigos/vizinhos), o que explicaria mais relatos de discriminação nestes campos, o que também ocorreu nas pesquisas feitas em outras Paradas. Para Venturi e Bokany (2011), outra explicação para a maior homofobia nestes espaços refere-se ao fato de serem locais onde as pessoas ficam/passam mais tempo, o que aumentaria a possibilidade de atos discriminatórios.

<sup>2</sup> Os resultados da Parada do Rio de Janeiro de 2004 estão discriminados por sexualidade agrupada e não no total, mas a mesma análise pode ser feita na comparação com eles. No caso da pesquisa da Parada de São Paulo de 2006, a pergunta do questionário incluiu outra alternativa de resposta, além da “sim” e da “não”: “para alguns sim e outros não”. Os dados citados aqui se referem à soma dessa resposta com a “sim”.

Os resultados obtidos em Sorocaba referentes às discriminações sofridas em serviços de saúde, trabalho/emprego, delegacias, comércio/locais de lazer, e escola/faculdade são compatíveis com os obtidos nas pesquisas realizadas no Rio de Janeiro em 2004 (a de 2003 não tem esses resultados descritos) e em São Paulo, em 2005 e 2006. Em relação à discriminação sofrida em escola ou faculdade, a tendência dos homens homossexuais relatarem sofrer mais discriminação que as mulheres homossexuais, observada nas pesquisas realizadas nas outras Paradas, também se mantém em Sorocaba, onde a diferença observada foi de 39% para os homens e 22% para as mulheres.

Os resultados de Sorocaba, porém, mostram um leve aumento, na comparação com outras Paradas, da porcentagem de entrevistadas/os que referem ter sido discriminadas/os por amigos ou vizinhos (38% em Sorocaba, contra 32% a 34% nas outras Paradas citadas) e um aumento mais significativo na discriminação sofrida em contextos religiosos (30% em Sorocaba, contra 21% a 26% nas outras Paradas) e no contexto familiar (36% em Sorocaba, contra 25% a 27% nas outras Paradas). Quando cruzamos esses dados com a religião de origem, porém, observamos que estas diferenças podem ser explicadas, ao menos parcialmente, pelo fato de haver uma porcentagem maior de pessoas LGBT criadas em religiões evangélicas na Parada em Sorocaba. Estas pessoas, em comparação com as criadas em outras religiões ou sem religião, citam mais discriminação em contexto religioso (43% x 27%), por parte de amigas/os ou vizinhas/os (57% x 34%) e por parte da família (51% x 33%). Isso significa que comportamentos homofóbicos associados a algumas denominações evangélicas fundamentalistas se refletem em outros contextos vivenciais, para além do religioso propriamente dito, se disseminando pela família e circuito de amigas/os e vizinhas/os.

A maior porcentagem da discriminação relativa ao contexto familiar na região de Sorocaba, na comparação com os dados das Paradas realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro, não pode, porém, ser atribuída apenas ao contexto de maior presença local de pessoas oriundas de famílias evangélicas. Mesmo se excluirmos este segmento, os números evidenciam uma porcentagem maior do que a relatada em outras Paradas. É possível pensar que a maior discriminação ocorra em uma cidade de menor porte pelo receio da maior visibilidade de se ter um membro da família homossexual. A lógica do “o que os outros vão pensar?”, portanto, pode contribuir para o aumento de episódios de discriminação intrafamiliar; nesse contexto, na tentativa dos familiares de silenciar as sexualidades não-hegemônicas, para salvaguardar as “aparências”.

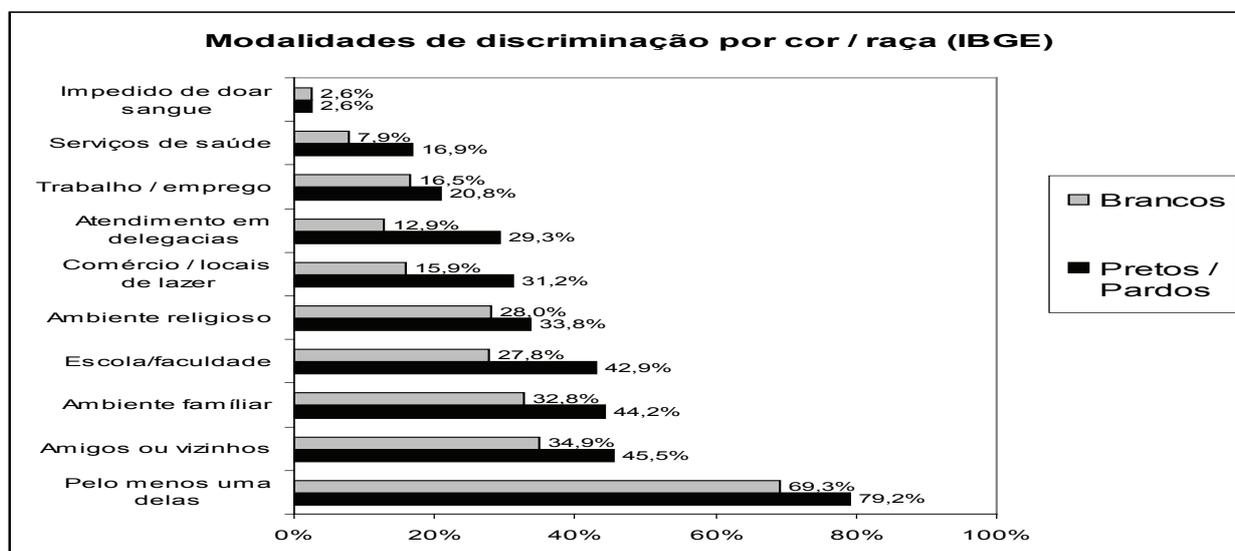
Em relação à discriminação no contexto familiar, é importante ressaltar a diferença também na porcentagem de mulheres homossexuais que a referem, em comparação com homens homossexuais. Essa diferença, de 40% x 32% no caso das frequentadoras da Parada de Sorocaba, segue a tendência observada em algumas das pesquisas já citadas. Para Carrara e Ramos (2005) a vitimização das lésbicas ocorre, predominantemente, na esfera privada, o que a torna menos visível, seguindo o que ocorre, de modo geral, com a violência contra a mulher.

A análise das formas de discriminação sofridas de acordo com a cor da pele, segundo os critérios do IBGE, oferece outros elementos para pensarmos sobre os meandros da homofobia. Quando perguntados sobre as formas da discriminação sofridas por causa de sua sexualidade, as/os respondentes LGBT da Parada de Sorocaba responderam da seguinte forma de acordo com a cor da pele auto-referida a partir dos critérios do IBGE<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup> Característica declarada pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena. Na presente análise foram agrupadas as respostas “preta” e “parda” para se permitir uma análise mais acurada, uma vez que o número de respostas de pessoas que se consideraram “pretas”, segundo os critérios do IBGE, foi pequeno.

Gráfico 8 - Modalidade de discriminação por cor/raça



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

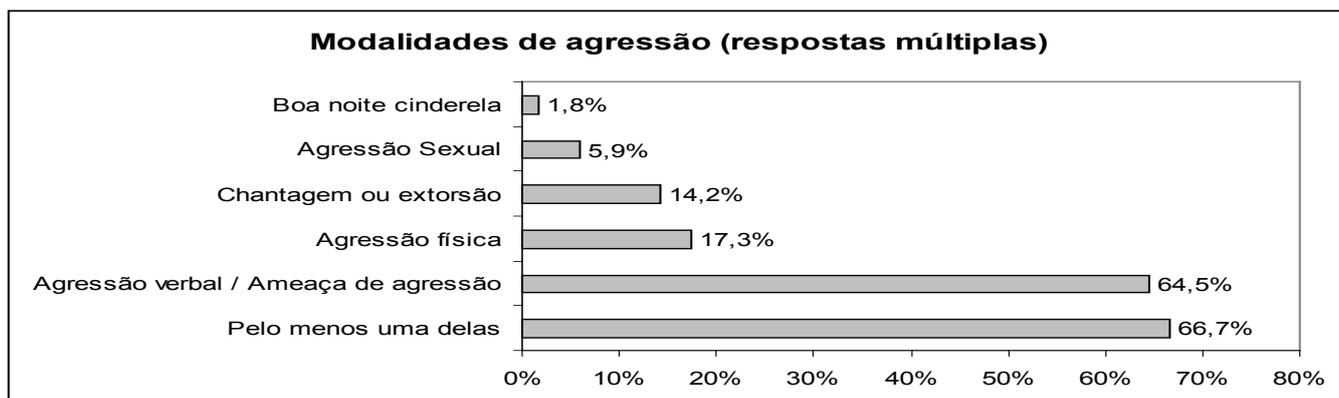
Tais resultados indicam que a homofobia não é um fenômeno que ocorre em um vácuo social, mas que interage com outros marcadores da diferença como cor/raça, uma vez que LGBT, frequentadoras/es da Parada, que se auto declaram pretas/os e pardas/os relatam sofrer maior discriminação, por sua sexualidade, que as/os frequentadoras/es que se auto declararam brancas/os. Outro marcador que necessita ser levado em consideração é a relação cor/raça e classe social.

Estes resultados diferem dos obtidos nas pesquisas realizadas nas Paradas do Rio de Janeiro de 2004 e de São Paulo de 2006, onde tais análises foram feitas e não se encontrou uma relação clara entre cor/raça e relatos de discriminação devido à sexualidade. Em ambas, “pardas(os)” referem ter sofrido mais discriminação que “brancas(os)” e “pretas(os)”. Em São Paulo “pretas(os)” referem ter sofrido mais discriminação que “brancas(os)”, resultado que se inverte no Rio de Janeiro.

#### 4.4 Agressão sofrida

Com relação aos relatos de agressões os resultados são os que seguem:

Gráfico 9 - Modalidades de agressão (respostas múltiplas)



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados tabulados da Pesquisa da 6a Parada do Orgulho LGBT – Sorocaba.

Os resultados obtidos em Sorocaba são próximos aos das pesquisas nas Paradas do Rio de Janeiro e São Paulo, de 2003 a 2006, onde os relatos de agressão física oscilaram entre 15% e 19% das/os entrevistadas/os, os de chantagem ou extorsão entre 11% e 19% deles e os de agressão sexual ficaram sempre em torno de 6% das/os pesquisados.

A análise por segmentos nos mostra que, entre as/os frequentadoras/es da Parada de Sorocaba, homens homossexuais relatam mais agressões que mulheres homossexuais na modalidade verbal (77% x 52%), física (19% x 10%) e extorsão ou chantagem (17% x 10%). Tal diferença também foi observada nas pesquisas realizadas nas Paradas do Rio de Janeiro de 2004 e nas de São Paulo de 2005 e 2006.

Quando analisamos especificamente os relatos de agressão verbal, vemos que a porcentagem de homens homossexuais que a relatam em Sorocaba (77%) é maior do que nas outras Paradas citadas, onde fica na faixa entre 59% e 63%. Esse dado pode estar relacionado a um maior grau de homofobia na cidade de Sorocaba e região, embora novamente tenhamos que levar em consideração que a possível presença de homossexuais mais “assumidas/os” em uma Parada interiorana pode explicar essa diferença, na medida em que a violência homofóbica está mais frequentemente atrelada aos que “saem do armário”.

Quando comparados os dados em relação à agressão homofóbica sofrida de acordo com cor/raça, observou-se um aumento de relatos de agressão física por parte das/os frequentadoras/es que se identificaram como pretas/os ou pardas/os (23%) em comparação com as/os que se identificaram como brancas (14%). Ainda que nos relatos de outras formas de agressão os resultados dos dois grupos não difiram, é importante considerar que a agressão física se configura, via-de-regra, como mais grave do que a verbal (a mais relatada), por exemplo, o que sugere que a violência homofóbica é potencializada por sua intersecção com o racismo, a exemplo do que foi descrito anteriormente acerca da discriminação.

## **5 | CONSIDERAÇÕES SOBRE AS/OS PARTICIPANTES DA PARADA LGBT DE SOROCABA: subsídios para se (re)pensar a educação**

Com a proposta de analisar o perfil das/os participantes da 6a Parada do Orgulho LGBT de Sorocaba como subsídio para discutir as relações entre educação e homofobia e com isso contribuir para a promoção do respeito às diferenças, diversidades e direitos humanos na escola e, portanto, para o enfrentamento da violência homofóbica, presente no cotidiano escolar, foram aplicados 360 questionários aos participantes no momento em que ela acontecia. Dos respondentes, 279 se identificaram como gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, entendidas/os ou homossexuais.

Os resultados demonstraram uma proporção maior de jovens entrevistadas/os na Parada de Sorocaba com menos de 21 anos do que as das pesquisas realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo. Por conseguinte, a maior parte dos participantes da Parada do Orgulho LGBT de Sorocaba é conluente do ensino médio. A maior presença de jovens nesta Parada aponta para a possibilidade de as paradas LGBT serem consideradas como espaços de sociabilidade e lazer para as/os jovens que dela participam, e, portanto, proporcionarem e promoverem a livre manifestação das sexualidades e expressão de identidades (ORTOLANO; MENDONÇA, 2010) espaços estes que as/os jovens LGBT não encontram em outros ambientes, como a escola, família, trabalho e locais religiosos – ambientes apontados nesta pesquisa como aqueles onde mais sofrem discriminação.

Os relatos analisados de discriminação e agressão sofridos, que em alguns casos se igualam e em outros superam os obtidos nas Paradas de São Paulo e Rio de Janeiro, possibilitam a interpelação da escola enquanto lugar privilegiado para a promoção da diversidade e dos direitos humanos, o que não tem ocorrido de forma suficiente no contexto local e no nacional. Os resultados aqui apresentados, dessa forma, fornecem subsídios para que gestores públicos, docentes e cursos de formação de professoras/es desenvolvam ações estratégicas direcionadas ao contexto escolar que possibilitem que tais direitos sejam promovidos. Evidencia-se, assim, uma lacuna e, ao mesmo tempo, a necessidade de ampliação no cotidiano escolar de espaços de trocas, redes, diálogos, de modo a se tornar um ambiente privilegiado de sociabilidade e lazer próprios de jovens LGBT e também de exercício da convivência social com afirmação das diferenças.

No entanto, para que isto ocorra, é necessária a superação da indisposição de profissionais da educação para um diálogo sobre diversidade sexual e para enfrentamento da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, superação esta que deve já estar presente nos Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de formação de professoras/es. Sugere também que a escola, do mesmo modo, por meio de uma formação continuada de suas gestoras/es e professoras/es, se constitua como espaço onde sexismo e homofobia deixem de fazer parte de seu cotidiano, e se torne livre da obstinação da produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade, entendida como um conjunto de discursos, valores e práticas por meio das quais a heterossexualidade é legitimada e instituída como única possibilidade de expressão sexual (JUNQUEIRA, 2010).

Ressalta-se que a maior parte (97,5%) das/os entrevistadas/os já se “assumiu” para um grupo social, sendo as/os amigas/os aquelas/es para as/os quais mais “saem do armário”, o que reforça a necessidade de criação de espaços de sociabilidade e lazer para jovens LGBT dentro e fora da escola, tais como: coletivos artísticos, políticos, culturais e de esportes.

Por outro lado, tendo em vista que estas/es entrevistadas/os das pesquisas são em sua maioria “assumidas/os”, verifica-se, nos resultados apresentados, que a discriminação sofrida pela amostra da pesquisa ocorreu em 71% das/os respondentes, sendo que os espaços onde mais sofrem discriminação são junto a: amigas/os e vizinhas/os (38,3%), ambiente familiar (36,1%), escola/faculdade (32,7%) e ambiente religioso (30,3%). Revela-se, com estes resultados, uma maior proximidade daqueles que discriminam com os que sofrem a discriminação, já que a discriminação acontece em locais onde se passa a maior parte do tempo (VENTURI; BOKANY, 2011).

Com base nestes resultados, novamente a escola, que é um dos espaços onde as/os jovens LGBT passam a maior parte do tempo, é chamada a intervir no cotidiano escolar para que haja uma efetiva crítica e combate à vigilância de gênero e a “pedagogia do insulto”, visto que, como aponta o estudo de Junqueira (2010, p. 212-213):

[...] uma série de tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas e constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos que, de maneira dinâmica e variada, podem se identificar ou ser identificados/as como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT) ou outras categorizações semelhantes, análogas ou equivalentes.

Corroborando esta afirmação de Junqueira (2010), os resultados desta pesquisa apontaram também que a maior parte das/os respondentes, 64,5%, indicou ter sofrido agressão verbal ou ameaça de agressão devido a sua orientação sexual e 31,5% algum tipo de agressão física ou chantagem e extorsão. Há, nestes resultados, o que Bento (2011) chama de heteroterrorismo, que é o conjunto de insultos, piadas e agressões homofóbicas, constituído no e pelo discurso da patologização da experiência identitária homossexual, que fundamenta a convicção de que pessoas LGBT são inferiores.

Fazendo o recorte para o cotidiano escolar, objeto deste estudo, este heteroterrorismo torna gays, lésbicas, travestis e transexuais seres abjetos e poluentes no cotidiano da escola, o que justifica as agressões, discriminações e o silenciamento de jovens LGBT, e, como consequência, garante a heteronormatividade. Para Bento (2011, p. 555), “[a] escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade”.

Outro dado interessante destes resultados revela que a maior parte das agressões verbais, físicas e extorsões são direcionadas aos homens homossexuais, o que sugere a necessidade de estudos mais aprofundados para analisar as especificidades e as diferenças do modo de discriminação que ocorre contra homens e mulheres homossexuais e, em especial, do modo como são vivenciadas estas diferenças no cotidiano escolar.

Ainda é importante ressaltar, pelos resultados encontrados, que os ambientes familiar e religioso também são palcos predominantes de discriminação por orientação sexual. Deste modo, a análise das questões familiares e religiosas como produtoras de violência homofóbica também deve estar na agenda de proposições e ações para sua superação no cotidiano escolar.

Quando as/os entrevistadas/os têm como religião de origem, ou seja, a religião em que foram criadas/os, as de denominação evangélica, observa-se que a maior discriminação ocorre, justamente, nos espaços religiosos. As religiões mais citadas como aquelas em que foram criadas/os foram a Católica, Evangélica, Espiritismo/Kardecismo, em ordem decrescente. Mas quando citadas as religiões que frequentam atualmente, mantém-se a católica, em primeiro lugar, seguida de “nenhuma religião” e, em terceiro, o Espiritismo/Kardecismo. Esses resultados apontam, primeiramente, para a necessidade de se investigar se esta mudança decorre ou não do modo como estas religiões tratam as homossexualidades em suas doutrinas, o que potencializaria as ações discriminatórias percebidas.

Em segundo lugar, nota-se que entre as/os criadas/os em religiões evangélicas, 75% referem ter sofrido algum tipo de violência, contra 65% das/os criadas/os em outras religiões ou em nenhuma religião. Com exceção de chantagem ou agressão, em que os dois grupos se igualam, em todas as demais formas de agressão pesquisadas as/os criadas/os em famílias evangélicas relatam mais agressividade em relação as/aos criadas/os em outras religiões: 70% x 63% no caso de agressão verbal, 20% x 17% no caso de agressão física, 8% x 5% no caso de agressão sexual e 3% x 1% no caso do “Boa Noite Cinderela”. Ainda que a diferença não seja grande em cada uma das modalidades, a consistência dos dados evidencia a possibilidade do impacto do fundamentalismo religioso no aumento da homofobia, conforme apontado anteriormente.

Natividade e Oliveira (2009), em uma pesquisa que teve como objetivo fazer uma reflexão sobre as relações contemporâneas entre religiões cristãs, diversidade sexual e formas de homofobia, analisaram discursos religiosos que circulam na esfera pública a respeito de direitos LGBT, e apontaram para

[...] uma reinvenção de imagens do homossexual como ameaça à saúde coletiva e da doença como castigo divino, algumas representações com um colorido diferente emergem – promovendo associações entre homossexualidade e pedofilia e retratando articulações entre o Estado e a militância LGBT como ameaça a “valores” cristãos e ao modelo de família nestes idealizado. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 158).

Este fundamentalismo religioso produz representações das pessoas LGBT como perigosas e sujeitos de segunda categoria. Estas representações invadem o cotidiano escolar e o discurso das/os profissionais da educação, muitas/os delas/es pautados em suas próprias concepções

religiosas, tornando-se legitimadoras da discriminação vivenciada pelas alunas/os LGBT; assim, torna-se necessária uma desconstrução crítica de sua produção por parte das/os educadoras/es.

Hoje, no Brasil, tal fundamentalismo impacta na educação e no cotidiano escolar de modo significativo. Recentemente, por exemplo, por pressão da bancada religiosa cristã, sobretudo, houve retirada de quaisquer referências às questões de gênero e sexualidade do Plano Nacional de Educação e dos Planos Municipais de Educação de diversas cidades brasileiras. Embora não haja, com isso, uma proibição para abordar estas questões na escola, tal fato pode legitimar a omissão de gestoras/es e professoras/es para o debate sobre gênero e sexualidade com base em premissas religiosas e, por consequência, para o combate à violência de gênero e violência homofóbica no cotidiano escolar.

## **6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo foi analisar e discutir os dados da 6a Parada LGBT de Sorocaba com intuito de que possam subsidiar ações estratégicas no cotidiano escolar. Para tanto, as variáveis aqui tratadas estiveram relacionadas a: sexualidade, faixa etária, cor/raça, nível de instrução, religião, saída do armário, discriminação e agressão.

Conforme os resultados apresentados e analisados nos tópicos anteriores conclui-se que desvelar os efeitos da heteronormatividade, como faz esta pesquisa bem como as demais aqui utilizadas, torna-se de fundamental importância para que as/os profissionais da educação possam construir uma escola livre de homofobia e promotora dos direitos humanos que não exclua e marginalize desejos, gêneros e sexualidades dissonantes.

Como evidenciado pelos dados desta pesquisa fica claro que o preconceito e a homofobia estão presentes com maior força nas relações de proximidade, ou seja, família, grupos religiosos e escola, ressaltando, portanto, a importância da escola em se transformar de ambiente promotor e produtor de homofobia em *locus* privilegiado de promoção do respeito às diferenças, diversidades e direitos humanos.

Finalmente, dadas as dificuldades e os desafios para a realização de pesquisas quantitativas em grandes manifestações de massa, ressaltamos que, mesmo com os cuidados metodológicos anteriormente mencionados, nossos dados não advêm de uma amostra representativa da população e devem, portanto, ser tratados com cautela quanto a possíveis generalizações, seja para a população que participa da manifestação, seja para a população paulista ou brasileira de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. No entanto, espera-se que estes resultados possam subsidiar um debate para as proposições de ações mais efetivas, no contexto escolar para o combate à violência homofóbica.

## Referências

- ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 13, p. 69-82, 2013.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.
- BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 25-40.
- CARRARA, S. et al. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 5ª parada da diversidade* - Pernambuco. Rio de Janeiro: IMS, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 5ª parada da diversidade*, Pernambuco 2006. Rio de Janeiro: IMS, 2007.
- CARRARA, S.; RAMOS, S.; CETANO, M. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 8ª parada do orgulho GLBT*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- CARRARA, S.; RAMOS, S. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 9ª parada do orgulho GLBT* – São Paulo. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.
- \_\_\_\_\_. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba: Ed. UFPR, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.
- FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L.; VENTURI, G. *Sexualidade, cidadania e homofobia: pesquisa 10ª parada do orgulho GLBT de São Paulo* - 2006. São Paulo: APO-GLBTSP, 2007.
- GARCIA, M. R. V. Homofobia e heterossexismo nas escolas: discussão da produção científica no Brasil e no mundo. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 9., 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009. p. 1-15.
- GRUPO GAY DA BAHIA. *Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2013/2014*. Salvador, 2014. Disponível em: <<http://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio/homicidios-2013.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- JESUS, J. G. D. Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 6, n. 1, p. 54-70, 2013.
- JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. *Revista Espaço do Currículo*, v. 2, n. 2, 2010.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, DF: MEC; Secad; Unesco, 2009.
- \_\_\_\_\_. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2007.
- NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 2, p. 121-161, 2009.
- ORTOLANO, F. E; MENDONÇA, V. M. Juventude e paradas LGBT: espaços de lazer e manifestação das sexualidades. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE SALUD MENTAL Y DERECHOS HUMANOS, 9., 2010, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: [s.n.], 2010.
- SILVA, A. S. da. *Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. Memória, consciência e políticas públicas: as paradas do orgulho LGBT e a construção de políticas públicas inclusivas. *Revista Eletrônica de Psicologia Política*, ano 9, n. 27, 2012.
- VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.